

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA- LICENCIATURA

Fernanda Wulff

**ADAPTAÇÃO DE BEBÊS À ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES
NA SEPARAÇÃO ENTRE MÃE E BEBÊ**

Porto Alegre, 2010.

Fernanda Wulff

**ADAPTAÇÃO DE BEBÊS À ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES
NA SEPARAÇÃO ENTRE MÃE E BEBÊ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura- Modalidade à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
Prof^ª Dra. Gládis Kaercher.

Tutora:
Rossana Strunz Coelho dos Santos

Porto Alegre, 2010

Fernanda Wulff

**A ADAPTAÇÃO DE BEBÊS À ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
IMPLICAÇÕES NA SEPARAÇÃO ENTRE MÃE E BEBÊ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, Modalidade à distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Gládis Kaercher

Tutora: Rossana Strunz Coelho dos Santos

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso A Inclusão na Educação Infantil Sob o Olhar da Comunidade Escolar, elaborado por Fernanda Wulff, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Nome
Titulação

Nome
Titulação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Pós-Graduação: Prof^a Valquíria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Agradecimentos

Ao meu companheiro de todas as horas JAIRO, pelo amor, apoio, ajuda e compreensão.

A minha mãe IZABEL, por toda paciência em me ouvir, pelo carinho e incentivo.

A TODAS, amigas e colegas de profissão que me acompanharam, ouviram e apoiaram nesta caminhada!

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a adaptação de bebês na Educação Infantil. Busca entender aspectos relevantes do processo de separação entre a mãe e o bebê e o processo de adaptação à Educação Infantil. Para elucidar essas questões buscou-se referencial teórico principalmente em Mahler, Rapoport, Rossetti-Ferreira & Vitória, entre outros. Os principais objetivos da pesquisa foram compreender a importância do período de adaptação e como este é sentido e vivenciado na díade mãe-bebê. A pesquisa caracteriza-se como básica, apoiou-se em observações livres, conversas formais com as mães dos alunos e na prática pedagógica da pesquisadora desenvolvida em uma turma de Berçário, com crianças entre seis meses e um ano e meio de idade, em uma escola de educação infantil no município de Estância Velha/RS. A partir dos dados empíricos observou-se primeiramente que a adaptação de bebês é um processo complexo, gradual e altamente estressante, pois implica mudanças na vida e rotina de todos os envolvidos e o sucesso deste período depende do estabelecimento de vínculos afetivos entre bebê, pais e educadoras. A forma como o período de adaptação é sentido e vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e também é influenciada pelas reações demonstradas pelas crianças. Cada criança é única e possui suas individualidades, por isso o processo de adaptação é um desafio constante, pois cada criança demonstra suas características e necessidades de modos variados e são essas manifestações que norteiam esse processo e direcionam a prática pedagógica da educadora.

Palavras chave: Adaptação – Bebê – Educação Infantil

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação das turmas da escola, alunos e profissionais.....	10
Tabela 2: Indicadores de avanços no processo de adaptação.....	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONTEXTUALIZANDO A SITUAÇÃO	10
1.1 Conhecendo a escola: local de pesquisa	10
2 POR QUE INGRESSAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL? A ESCOLHA DE CUIDADOS ALTERNATIVOS PARA OS BEBÊS	12
3 A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À EDUCAÇÃO INFANTIL	14
4 VIVENCIANDO O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO	19
5 DESVENDANDO OS SENTIMENTOS MATERNS	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	32
ANEXO A: ANAMNESE REALIZADA COM AS FAMÍLIAS DOS ALUNOS	34
ANEXO B: ORGANIZAÇÃO IDEAL DE UMA SALA DE BERÇÁRIO.....	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um estudo exploratório-qualitativo sobre o período de adaptação de bebês na Educação Infantil e como este processo é sentido na relação entre mãe e bebê.

Será contextualizada em uma escola de Educação Infantil da rede pública do município de Estância Velha, na qual se realizaram a prática pedagógica da pesquisadora durante o estágio curricular obrigatório, desenvolvido durante o primeiro semestre, observações e conversas formais com as mães das crianças da turma do Berçário, com idades entre seis meses e um ano e meio.

A fundamentação teórica, baseada nas opções de escolha de cuidados alternativos para os bebês e também nas características da relação mãe-bebê e como se dá o ingresso do bebê na Educação Infantil, servirão de embasamento para refletirmos sobre a real importância e significado do período de adaptação. A pesquisa buscará saber sobre como esse período é sentido e vivenciado por todos os envolvidos, em especial o bebê, a mãe e a educadora.

1 CONTEXTUALIZANDO A SITUAÇÃO

O interesse pelo foco da pesquisa surgiu durante o estágio curricular obrigatório do curso de graduação, que foi desenvolvido entre os meses de abril e junho de 2010. Este é o segundo ano que trabalho com uma turma de berçário e sei que a adaptação escolar é o primeiro passo para o ingresso de qualquer criança na escola, mas durante o estágio me senti incomodada com o fato de que no decorrer de todo o primeiro semestre estive com bebês em adaptação e isto acabou dificultando minha prática pedagógica e, conseqüentemente, o desenvolvimento do estágio. Também em vários momentos me senti frustrada por haverem adaptações muito conflituosas, que desgastaram tanto o bebê, a mãe, a mim e as crianças da turma. Esse fato me instigou a aprofundar meus conhecimentos sobre a relação mãe-bebê e como esta primeira separação influencia esta relação durante o ingresso a um novo ambiente.

1.1 Conhecendo a escola: local de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Educação Infantil, na cidade de Estância Velha, na turma de berçário, em que sou a professora titular, com crianças entre seis meses e um ano e meio de idade. A Escola Municipal de Educação infantil Mundo da Criança possui seis turmas e atende a noventa e quatro crianças nos turnos manhã e tarde. O corpo docente é composto por sete professoras, que trabalham quarenta horas semanais, quatro estagiárias do CIEE, que trabalham trinta horas semanais e três educadoras, que trabalham quarenta e quatro horas semanais, sendo que estão distribuídas da seguinte maneira:

Turma	Nº de crianças	Professoras	Estagiárias	Educadoras

Berçário 1	10	1	2	0
Berçário 2	12	1	0	1
Maternal	16	1	0	1
Pré Nível 1	16	1	0	1
Pré Nível 2	20	1	0	0
Pré Nível 3	20	1	0	0
Hora do Conto e Planejamento	Todas as turmas da escola	1	2	0
4 agentes de serviço: 2 na cozinha e 2 na limpeza				

Tabela 1: relação das turmas da escola, alunos e profissionais

A escola atende crianças de diferentes localidades do município, por estar localizada no centro da cidade e por ser de fácil acesso aos pais, pois se não fica perto da residência da criança acaba ficando próxima do local de trabalho dos pais. Essa característica gera um grupo docente diverso e que pertence, na sua maioria, à classe média baixa.

A estrutura física da escola é precária, pois o prédio já é bastante antigo: a escola possui 6 salas de aula, uma biblioteca, a sala da secretaria, um refeitório, uma cozinha, uma lavanderia, um banheiro para as funcionárias e um banheiro para as crianças - com um mictório, 5 pias e 5 vasos sanitários infantis. Há uma pracinha ampla na frente da escola com caixa de areia, brinquedos e uma casinha de boneca, nos fundos da escola há outra pracinha menor (que não é de areia e sim de piso) com balanços e um gira-gira.

A escola não dispõe de recursos e estrutura tecnológica, pois não há laboratório de informática para uso dos alunos. Na secretaria há um computador para o uso da diretora e das professoras (uso referente ao trabalho pedagógico). A direção da escola possui uma visão muito clara sobre o grupo de trabalho e preza que haja um bom relacionamento entre as funcionárias. Possui uma postura ética e correta, mas ao mesmo tempo desafiadora frente às mudanças e ao novo, aceita e gosta muito de desafios e inovações e fomenta o grupo nesse sentido. Luta para que haja investimentos nas reais necessidades que a escola apresenta.

2 POR QUE INGRESSAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL? A ESCOLHA DE CUIDADOS ALTERNATIVOS PARA OS BEBÊS

A escolha de um cuidado alternativo para o bebê não é uma tarefa simples para os pais e envolve fatores diversos. Os que mais influenciam são a economia familiar, pois depende da participação da mulher no mercado de trabalho e também do custo do cuidado alternativo almejado, e também as concepções que a família tem sobre a educação dos filhos e suas expectativas.

Nos dias atuais as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho e após o término da licença maternidade as famílias necessitam de opções para o cuidado das crianças, enquanto os pais trabalham. Segundo Rapoport:

[...] esses cuidados podem se dar em creches e pré-escolas; em creches familiares ou lares vicinais; por um parente ou na casa da criança, dispensados por uma babá/empregada. Em qualquer um desses casos, a criança passa por um processo de adaptação até que esteja vivenciando a nova situação de forma que revele menor sofrimento pelo afastamento materno. (RAPOPORT, 2005, p.9)

Em muitos casos, os pais não possuem a possibilidade de que os avós ou algum outro parente cuide de seus filhos, por isso a babá / empregada ou a creche tem se revelado, muitas vezes, opções disponíveis para os cuidados do bebê.

Um fator que deve ser destacado é que, em muitos municípios, a demanda de crianças é maior do que a quantidade de vagas oferecidas nas escolas municipais dificultando muito a situação da família. As famílias de baixa renda, não possuem condições de contratar uma babá, matricular seu filho em uma escola particular ou até mesmo pagar “tias” que cuidam de crianças. Não é raro acontecerem casos de crianças pequenas ficarem em casa com os irmãos ou até mesmo sozinhas, pois os pais precisam trabalhar e acabam ficando sem opções de onde deixar seus filhos.

Com a Constituição Brasileira de 1988 as creches foram reconhecidas como instituições educativas, como um direito da criança e dever do estado, sendo fundamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Essa lei contribuiu de forma decisiva para que a Educação Infantil fosse articulada ao sistema educacional como um todo. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a finalidade da Educação Infantil contempla:

[...] o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996, art. 29)

Sendo assim, as escolas municipais de educação infantil acabam se tornando a opção mais viável, pois as crianças ingressam numa instituição que contempla cuidados, socialização, aprendizagens e ao mesmo tempo com o custo bem menor do que contratar uma babá. A realidade da escola onde trabalho contempla esta situação, pois a contribuição mensal é espontânea, cujo valor é calculado de acordo com a renda da família.¹

¹ Realidade do município de Estância Velha – RS.

3 A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO À EDUCAÇÃO INFANTIL

A gestação é um período muito significativo e deixa as mulheres extremamente sensíveis. Surge a ansiedade pela responsabilidade que terá por uma criança e isto requer reorganização e adaptação. A vida e a rotina da mãe sofrem transformações após o nascimento do bebê. Os estilos de vida mudam radicalmente, na medida em que a mulher deixa de ser responsável somente por si e passa a ser mãe, responsável pela vida, bem-estar, cuidados e educação de uma criança.

No início da vida o bebê é totalmente dependente da mãe, inclusive para suprir suas necessidades físicas e emocionais. Essa relação dual entre a mãe e o bebê é conhecida como simbiose mãe-bebê (MAHLER, 1982, p.13). Conforme o bebê se desenvolve, evolui tornando-se mais independente e autônomo, ampliando seu desenvolvimento motor e dessa forma inicia-se o processo de separação-indivuação. Este processo, gradualmente, transforma a relação de simbiose entre a mãe e o bebê, em nível de satisfação das necessidades, em uma relação objetal, onde criança já é capaz de realizar coisas em separado na presença da mãe. Almeida afirma que:

[...] a interação entre mãe e bebê é fundamental, pois dá origem a uma relação especial e única, para toda a vida, sendo a mãe o primeiro e mais forte objeto de amor e o protótipo de todas as futuras relações. (ALMEIDA, 2003, p.35)

A separação da mãe e bebê se dá de forma saudável e tranquila quando as experiências de autonomia do bebê são prazerosas, pois dessa forma o bebê domina a sensação de ansiedade de separação que surge enquanto vai se tornando mais autônomo. Segundo Mahler:

[...] a separação-individuação normal acontece em situação de aptidão desenvolvimental – bem como de prazer – para o funcionamento independente. A predominância do prazer no funcionamento com independência, em atmosfera de disponibilidade libidinal materna, permite à criança dominar aquela quantidade de ansiedade de separação que parece adquirir a cada novo passo em direção à atuação individual. (MAHLER, 1982, p.26)

Devido a isso é fundamental que a adaptação dos bebês à Educação Infantil seja feita de forma correta, seguindo as etapas necessárias, respeitando as características e individualidades dos bebês e que a instituição e as profissionais tenham uma postura acolhedora, compreensiva, ética com as famílias de forma atenta aos sinais de dor e sofrimento, em especial da mãe, para que o processo seja vivenciado de forma tranquila e sem traumas para todos os envolvidos. Conforme as autoras Rossetti-Ferreira e Vitória:

[...] o processo de adaptação ao novo ambiente da creche é mediado pelos outros: pela família, pelos educadores e pelos próprios companheiros do grupo que a criança passa a frequentar. (ROSSETTI-FERREIRA; VITÓRIA *apud* DIESEL, 2003, p.10)

Para iniciar o processo de adaptação é fundamental que os pais conheçam a escola previamente e tragam a criança junto para ir se familiarizando com o novo ambiente. Autores como Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) afirmam que a adaptação tem início nos contatos iniciais da família com a escola infantil, pois as primeiras impressões influenciam a forma como estes pais se relacionam com o novo ambiente. Por isso é importante investigar aspectos relacionados ao vínculo mãe-bebê, que permite compreender a experiência materna frente à separação de seu filho, quando este ingressar na escola infantil. A entrevista, ou anamnese, (Anexo A) é de extrema importância, pois é o momento em que a educadora coleta informações relevantes sobre a experiência da maternidade, sobre a gestação, sobre a criança e os primeiros meses de vida. Também fornece informações aos pais de como ocorre o processo de adaptação, explana a proposta pedagógica da escola e também esclarece as dúvidas dos pais, deixando-os seguros, confiantes e assim, reduz os níveis de tensão e ansiedade da família durante a adaptação.

A transição entre a residência e a escola interfere no psicológico tanto da criança quanto da família, e em especial da mãe. O novo ambiente, as novas rotinas, as pessoas

estranhas, as separações diárias da mãe constituem uma exigência social e emocional muito grande do bebê. De acordo com Rapoport (2005) é altamente desejável que, no período de adaptação, a mãe, o pai ou outro familiar fique junto à criança para auxiliar na exploração desse ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com as educadoras e outros bebês. Desse modo, os pais devem estar presentes no início da adaptação e conforme o tempo de permanência do bebê na escola for aumentando, devem ir se ausentando aos poucos, de acordo com as condições demonstradas pelo bebê. Um fator importante que a educadora deve considerar e esclarecer aos pais é que essa permanência deve ser adequada, pois em excesso pode se tornar negativa e dificultar o processo de adaptação.

Para os pais, principalmente a mãe, a separação é bastante difícil, pois seu vínculo com o bebê é muito forte. O ingresso na escola é, em muitos casos, a primeira experiência de separação da mãe do seu bebê, por isso é possível que a separação se torne mais complicada para a mãe do que para o bebê. Segundo Périssé (2007) “uma perda psicológica é um momento de fragilidade emocional, que tende a potencializar inseguranças e provocar muita angústia.”

Sabendo que seu bebê passará por muitos desafios a mãe precisa mostrar-se forte e confiante, pois a criança manifesta seus sentimentos principalmente através do choro e segundo Rossetti-Ferreira (2000) “é o choro da criança a reação que provoca mais ansiedade nos pais”. Juntam-se com a ansiedade a incerteza se a criança será bem cuidada e assistida, sentimentos de medo, de culpa e insegurança que podem desestruturar a mãe e dificultar a adaptação do bebê, pois esses sentimentos são sentidos pela criança mesmo quando não verbalizados pelos pais.

Já para o bebê a adaptação é um período complicado, pois enfrenta desafios múltiplos e inúmeras situações estressantes e perturbadoras como a despedida e reencontro com os pais, o relacionamento com as educadoras e com outras crianças, as novas rotinas, novos horários de alimentação e sono, troca de fraldas, entre outros. Em se tratando de adaptação de bebês a instituições de Educação Infantil é importante considerar a história de vida da mãe e da criança, bem como a relação mãe-filho. Dessa forma a escola deve propiciar que no início a adaptação seja realizada em horário reduzido, duas horas diárias, e conforme a reação do bebê o tempo de permanência na escola vá aumentando gradativamente. Também é fundamental que as educadoras se

esforcem para reduzir essas situações ao máximo, além de ajudar o bebê a enfrentá-las.

Para lidar com as novas situações a criança utiliza estratégias de enfrentamento como o choro, que é a principal forma de manifestação do bebê, gritos, reação de passividade, de apatia, resistência à alimentação e ao sono, entre outros. Também é comum as crianças somatizarem os seus sentimentos e os demonstrarem apresentando sintomas físicos como febre, diarreia e vômitos. Com isso, acaba adoecendo como uma forma de o corpo reagir ao afastamento da mãe. De acordo com Rizzo (2000) o grande investimento emocional do bebê durante a adaptação pode o tornar menos resistente a infecções.

Santos e Moura afirmam (2002):

[...] o bebê mesmo em uma idade precoce, é capaz de se diferenciar de uma situação para a outra, apresentando preferências e contrastes. Por isso, um processo de entrada na creche nunca é igual ao outro, já que vem acompanhando por tantos fatores diferentes: a intersubjetividade entre os parceiros, crenças e representações sobre os objetos sociais envolvidos, a organização prática de cada instituição, o modo de ser de cada família e dos educandos, o planejamento de cada instituição para esse período, etc. (SANTOS e MOURA, 2002, p.94)

Enfim, não existe uma receita pronta para a adaptação de bebês às escolas de Educação Infantil, mas há alguns indicadores que facilitam este processo, como por exemplo: horário reduzido nos primeiros dias da adaptação; presença de um familiar (referência para o bebê); brincadeiras e atividades pedagógicas de acordo com a fase de desenvolvimento do bebê; preparação da adaptação (visita prévia à instituição e realização da anamnese); atitudes de acolhimento e confiança das educadoras para fortalecer os elos entre bebê, família e escola; comunicação constante com as famílias, entre outros. O imprescindível é que o bebê seja considerado um indivíduo único e que tenha suas características e individualidades respeitadas.

Para que a adaptação escolar seja bem-sucedida é importante que a criança consiga enfrentar desafios afetivos, cognitivos e sociais. De acordo com Périssé (2007) a criança deverá estabelecer vínculos com outras crianças e adultos, situados fora do círculo familiar; aprender a reconhecer e interpretar tanto linguagens corporais quanto vozes desconhecidas; organizar novos mapas fisionômicos e espaciais; desenvolver

esquemas comportamentais de rotina; aprender a relacionar-se com um círculo social mais amplo, o qual impõe regras de convívio estranhas e difíceis de serem aceitas.

Diante de todos esses aspectos e implicações posso afirmar que a adaptação é um processo extremamente complexo, pois todos os sujeitos envolvidos (educadores, familiares e criança) mergulham num profundo entrelaçamento de sentimentos que norteiam essa importante caminhada no início da escolarização infantil.

Para que esse caminho seja percorrido de forma tranquila e os obstáculos ultrapassados o primordial é que as individualidades sejam respeitadas, pois segundo Diesel (2003) “a adaptação é um momento de confronto com o desconhecido.”

4 VIVENCIANDO O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

O processo de adaptação escolar não influencia apenas o bebê e sua mãe, mas também influencia a escola, os educadores e a turma². Normalmente nas escolas infantis, as adaptações são realizadas no início do ano e em grupos, de no máximo quatro crianças, para facilitar o ingresso e a socialização das crianças. Conforme são verificados avanços significativos dos indicadores de adaptação das crianças são iniciados novos processos de adaptação.

Durante meu estágio, realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Mundo da Criança, em Estância Velha, no período de 12/04/2010 até 11/06/2010 houve dois casos de adaptação após a turma já estar completa e esta situação gerou algumas dificuldades na minha prática pedagógica como também no relacionamento e integração dos alunos que já apresentavam progressos em seu processo de adaptação. Souza (2004) afirma que:

[...] muitos casos de adaptações conflituosas, vem do fato de as escolas não terem um plano de adaptação adequado à faixa etária, o que ocasiona adaptações a todo instante, sempre que abre uma vaga, que são estabelecidas, pelo regimento dos estabelecimentos municipais, em geral para as mães que estão trabalhando fora de casa. (SOUZA, 2004, p.49)

Uma adaptação durante o ano letivo exige que o educador reorganize a si mesmo (seu trabalho que já segue o ritmo da turma), a sua turma, que necessita ser preparada e também reorganizar novas rotinas diárias para poder acolher o aluno novo e sua família. Davini (*apud* DIESEL, 2003) afirma que “adaptar é abrir a porta para que o novo possa entrar e desarrumar o que estava seguro” e neste caso ocasiona a desestruturação de

² A turma focada neste trabalho é Berçário 1, que é constituída por 10 crianças, entre 6 meses e 1 ano e 6 meses de idade, da Escola Municipal de Educação Infantil Mundo da Criança em Estância velha – RS.

algumas conquistas já obtidas anteriormente, com as crianças que já haviam iniciado sua adaptação e apresentavam progressos.

No meu caso, em específico, a adaptação da Isabella³, que iniciou na primeira semana de estágio, foi bem tranquila. Nos primeiros dias ela ficou na escola duas horas diárias e ao longo de três semanas ela já frequentava a escola em turno integral. Suas reações foram, na maioria, esperadas (choro, dificuldade para dormir, necessitava de bastante atenção e de alguns momentos de colo...), mas aos poucos foi criando e fortalecendo vínculos comigo e com as outras crianças da turma, conseguindo adaptar-se às rotinas da escola, participar das atividades propostas e socializar-se com o novo grupo social. Segundo Diesel (2003) é esta relação afetiva com o outro que possibilita a segurança, tão necessária para conhecer e explorar este novo espaço.

A outra adaptação, que iniciou na sexta semana do estágio, desestabilizou muito a turma, pois João Pedro⁴ era um bebê de apenas seis meses de idade que exigia muita atenção e dedicação das professoras. A adaptação desta criança se tornou o foco principal da turma, por isso as atividades pedagógicas planejadas diariamente foram ficando em segundo plano, pois era primordial o estabelecimento e fortalecimento de vínculos afetivos com esta criança. O bebê em questão se sentia muito inseguro, chorava o tempo todo em que estava na escola e só se acalmava no colo das educadoras. Essa insegurança foi originada pelos sentimentos maternos em relação à adaptação do filho, pois a mãe estava se mostrando insegura e culpada por ter “deixar” seu filho aos cuidados de pessoas estranhas.

Conforme dito anteriormente, os sentimentos maternos são sentidos e transferidos ao bebê, mesmo que não verbalizados pela mãe, pois o vínculo entre mãe e filho é muito forte e íntimo. E é fundamental que os pais consigam controlar esses sentimentos para facilitar a adaptação do bebê à escola.

Ressalto mais uma vez que os contatos iniciais da família com a escola formam a base para uma adaptação tranquila, pois se os pais estão seguros quanto ao ambiente em que seu filho começará a frequentar e já conhecem as pessoas que serão

³ Nome fictício da aluna citada.

⁴ Nome fictício do aluno.

responsáveis por ele, estarão mais confiantes e este sentimento facilitará muito o ingresso da criança na escola infantil.

5 DESVENDANDO OS SENTIMENTOS MATERNOS

O período de adaptação é muitas vezes, mais difícil e doloroso para a mãe do que para a própria criança, pois a separação desestabiliza o forte vínculo existente entre eles. Contudo, para conseguir compreender os sentimentos maternos frente à adaptação escolar dos bebês e baseando-se nisso conseguir compreender e promover esse período de forma mais amena e tranquila realizei uma conversa formal com as mães dos alunos da turma, individualmente, e para iniciar a conversa entreguei a elas, um aparelho celular desligado e pedi que me relatassem que impressões, lembranças e sentimentos esse aparelho trouxe do período de adaptação de seu bebê.

Registro de trechos das falas mais relevantes das conversas⁵:

Mãe de Bianca: “[...] Foi um momento difícil, nos sentimos muito preocupados e inseguros, pois tudo era novo... o ambiente, as pessoas e as crianças. Conforme os dias foram passando, notei que as professoras eram bastante atenciosas e isso me deixou mais segura.”

Mãe de Pedro: “[...] Estava com o coração apertado, pois era um ambiente novo, com pessoas que ele não conhecia e era preciso criar um vínculo. Tive medo de que as professoras não conseguissem acalmar quando ele chorasse. O que me tranqüilizou e me deixou sossegada foi o fato de Pedro não ter nenhuma reação negativa extrema, agora já consigo ver a escola como o segundo lar do meu bebê.”

Mãe de Luísa: “[...] Fiquei muito preocupada, pois era tudo novo. As professoras me tranqüilizaram bastante demonstrando serem atenciosas, tranquilas e carinhosas. A partir de segunda semana já estava mais segura e confiante.”

⁵ Todos os nomes das crianças utilizados na pesquisa são fictícios.

Mãe de Lucas: “[...] Estava muito ansiosa, pois tinha medo de que meu filho estranhasse muito a escola. Ficava ‘colada’ no telefone caso acontecesse alguma coisa.”

Mãe de José: “[...] Como ele já é meu segundo filho me senti bastante tranquila e segura, pois já vivi essa experiência antes e sabia mais ou menos o que iria acontecer e como meu filho iria reagir. Um dos segredos é seguir a rotina da escola em casa, nos finais de semana!”

Mãe de Davi: “[...] No início foi muito difícil, pois tinha que trabalhar e o meu filho sentiu que eu não queria me separar dele. Ele chorava muito, não dormia e nem se alimentava na creche. Era uma tortura, pois esperava que o telefone tocasse para eu ir buscá-lo.”

Mãe de Isabella: “[...] Me senti muito insegura, mas com a evolução da Bella a cada dia que passava fui ficando mais tranquila e confiante. A adaptação foi mais difícil para mim do que para ela.”

Mãe da Vanessa: “[...] Foi um momento complicado, doloroso, estava com meu coração apertado e chorava muito. Como ela também chorava bastante na escola eu pensei várias vezes em desistir. Foi um período muito difícil, pois a gente mora longe da escola e ficava difícil sair do trabalho para buscar ela na escola em horários diferentes (estipulados pelas professoras). Mas a adaptação me ensinou a respeitar o tempo dela.”

Mãe de Samuel: “[...] Senti muito medo, mas o pai estava bem tranquilo. Ele era muito apegado a mim e chorava muito, não queria ficar, não se alimentava nem dormia, não se acalmava nem no colo das professoras. Foram meses bem difíceis e eu chorava muito no trabalho, só pensando se ele ia ficar bem. Sempre ligava pra ver como ele estava.”

Mãe de João Pedro: “[...] Senti medo, pois sabia que o João ia sentir muito a minha falta, pois fiquei quase sete meses com ele em casa. Meu coração estava apertado só de pensar em ficar longe dele, mas tentava disfarçar para ele não perceber... O mais difícil para ele foi criar uma rotina para o sono, pois em casa ele dormia o tanto que queria e na hora que queria. Enquanto ele tava na escola eu tava em casa chorando, porque doía muito ficar separado dele.”

Analisando esses recortes das conversas posso afirmar baseada em minha experiência docente e nos relatos descritos acima, que os primeiros dias da adaptação são os mais difíceis, sendo que as mães se sentem preocupadas e inseguras em relação aos cuidados dispensados aos bebês, com medo de as professoras não conseguirem acamá-los em momentos de choro e ansiosas, durante o período em que seus filhos estão na escola, esperando um telefonema da para saber notícias de seu filho.

Os casos de adaptações mais conflituosas apresentaram características semelhantes, sendo que as mães se sentiam culpadas por terem que trabalhar e deixar seus filhos com pessoas estranhas, e também que sofriam muito pela separação, demonstrando esses sentimentos através do apego exagerado à criança, choro na hora de se despedir, insegurança e dificuldade de lidar com as professoras.

Sobre o controle do sentimento de culpa dos pais, Souza afirma que:

“Esse controle dependerá da relação de confiança estabelecido entre o educador e os responsáveis na parceria no bem-estar da criança, no que se refere aos cuidados e a educação, também, da clareza dos objetivos do estabelecimento e da proposta de trabalho da educadora.” (SOUZA, 2004, p. 55)

Um aspecto que não pode ser desconsiderado é que dos dez alunos da turma apenas um não era o primeiro filho do casal, sendo que essa criança teve sua adaptação tranquila e os pais revelaram ter expectativas positivas em relação aos seus filhos, demonstrando muita calma, segurança e tranquilidade no período de adaptação da criança, pois já são mais experientes e maduros.

A relação entre os pais e as professoras, durante a adaptação, é um momento muito complicado, pois algumas mães tem sentimentos ambivalentes, conscientes ou não, sobre deixar seu bebê na escola infantil aos cuidados de pessoas estranhas como, por exemplo, culpa, ciúmes, medo de que aconteça algo ao seu filho ou de deixar de ser amado por ele. Neste ponto destaco a necessidade de a anamnese ser realizada antes do bebê iniciar sua adaptação, pois deste modo já se inicia o contato com os pais e é o primeiro passo para estabelecer uma relação de sinceridade e confiança entre a família e a escola.

Analisando os dados coletados e as referências utilizadas, posso concluir que

existem vários fatores que podem interferir no período de adaptação dos bebês à Educação Infantil. Um dos fatores é a forma como a família, em especial a mãe, percebe e sente o ingresso do filho na escola. A insegurança e desconfiança estão presentes, principalmente se for o primeiro filho do casal, sendo que esses sentimentos são sentidos pela criança e desta forma acabam dificultando a adaptação da criança.

Outro fator que influencia na adaptação são os motivos que levaram os pais a colocarem o bebê na escola. A realidade da turma em que sou professora titular é que os bebês ingressaram na escola por motivos financeiros, pois ao término da licença maternidade as mães necessitaram retornar ao mercado de trabalho para contribuir no sustento da família. E se este retorno não é planejado, muitas vezes a adaptação do bebê é dificultada pelo fato dos pais não conseguirem fazerem a adaptação respeitando o tempo e ritmo da criança (fato relatado pela mãe de Vanessa), sendo impossibilitados de cumprirem os horários estipulados pelas professoras durante os primeiros dias da adaptação por causa do trabalho, complicando ainda mais o processo de adaptação do bebê.

Outra questão relevante a ser considerada é a qualidade do atendimento dispensado às crianças. É bastante comum nas escolas infantis a razão adulto-criança ser maior do que a indicada pela lei. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (volume 1) faz referência de seis crianças por adulto, até doze meses de idade, sendo necessária uma ajuda nos momentos de maior demanda, como, por exemplo, em situações de alimentação (p.72). Focando o olhar na minha realidade a razão adulto-criança é de 1:5, ou seja, uma educadora cuidando de cinco bebês. Está abaixo do indicado pela lei, pois a sala de aula é muito pequena, possui vinte metros quadrados, não comportando todo o mobiliário necessário e nem dispondo dos espaços necessários de uma sala de berçário. Pois para atender bebês de até um ano e meio é fundamental que o ambiente potencialize conforto e segurança compreendendo as necessidades das crianças. O Encarte 1 dos Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil recomenda que

“O espaço destinado à crianças de zero a um ano esteja situado em local silencioso, preservado das áreas de grande movimentação e proporcione conforto térmico e acústico. Compõem este ambiente: sala para repouso; sala para atividades; fraldário; lactário e solário.” (BRASIL, 2006, p.11)

A realidade da sala do berçário da escola onde atuo é muito distinta do berçário ideal previsto nos Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (Anexo B), pois apresenta apenas um ambiente que acomoda a sala de repouso, a sala de atividades e o fraldário, sendo que não possui solário, nem lactário. Portanto, o atendimento dispensado por mim e pelas minhas colegas é bastante limitado, deixando-nos muitas vezes frustradas pela falta de condições e de material para desenvolver nossa prática pedagógica, mas esta realidade é conhecida e compreendida pelos pais, que lutam juntamente com a escola para obterem melhorias e mudanças na qualidade do atendimento.

A segurança emocional dos bebês é um dos fatores mais importantes durante o período de adaptação, pois é refletida na interação do bebê com os outros indivíduos com quem começa a conviver. Baseado nesse pressuposto afirmo que a relação de apego que a criança estabelece, primeiramente com o seu cuidador, depende da disposição e sensibilidade desta pessoa com a criança e não apenas da satisfação das necessidades primárias da criança pelo adulto, pois é preciso que a criança construa sentimentos básicos de confiança e segurança e para isto é imprescindível que ela se sinta acolhida. Posteriormente esse apego é sentido e refletido no relacionamento com as outras crianças.

Cada criança vivencia a adaptação de maneira única, sendo que algumas demoram mais tempo para se sentirem acolhidas e seguras do que outras. É fundamental respeitar a individualidade de cada criança e ficar atenta aos sinais que a criança demonstra neste período para conseguir seguir desenvolvendo sua prática pedagógica incluindo as necessidades demonstradas pelas crianças.

Durante o período de adaptação dos meus alunos constatei alguns aspectos importantes que indicam avanços em sua adaptação e diminuição do sofrimento em relação à separação diária da mãe, que conseqüentemente acaba tranquilizando também a família.

Chegada na escola	Abre os braços para a educadora; demonstra carinho; despede-se dos pais; engatinha, anda ou corre para dentro da sala
Horário de adaptação	Não necessita mais da presença de um familiar; seu tempo de permanência

	aumentou (mais de duas horas diárias) desde o início da adaptação.
Funcionamento fisiológico do bebê	Alimenta-se bem; dorme normalmente; evacua regularmente, apresentando boas condições de saúde.
Interação com a educadora	Mostra-se feliz e disposto; possui um relacionamento afetivo com a educadora.
Interação com o ambiente	Explora a sala e os espaços disponíveis; brinca com os brinquedos; demonstra estar adaptado à rotina diária; participa das brincadeiras e atividades propostas.
Interação com outros bebês	Aceita dividir a atenção; brinca ao lado ou juntamente com os outros bebês.
Reações na saída	Mostra-se contente ao ver os familiares, indo espontaneamente com eles.

Tabela 2: indicadores de avanços no processo de adaptação

As reações dos bebês, ao longo do processo de adaptação, podem ser múltiplas e variadas, dependendo de inúmeros aspectos. Os aspectos explicados podem favorecer a relação com as famílias, promovendo melhorias na organização das rotinas, do espaço físico e do planejamento pedagógico a fim de zelar pela criança que está ingressando num novo ambiente, a escola infantil.

Refletindo sobre esses comportamentos é possível verificar que além do desenvolvimento físico e motor, avanços significativos no âmbito social e psicológico ocorrem durante este processo, pois as crianças se tornam mais seguras, autônomas, estabelecem vínculos e relações afetuosas com as educadoras e as outras crianças, tornando-se parte integrante do grupo.

De acordo com os avanços demonstrados pelos alunos é possível afirmar que o ingresso numa turma de berçário é um período de grandes mudanças e conquistas, que envolvem um fator primordial na vida do bebê – a separação de sua mãe, que até aquele momento era sua maior referência de segurança e proteção. A interação mãe-criança é afetada decorrente das novas relações e o fim da exclusividade nos cuidados, pois antes de iniciar a adaptação a criança estava restrita ao ambiente domiciliar, onde havia maior intimidade.

A adaptação é uma construção complexa que exige muita dedicação, compreensão, confiança e paciência para que o bebê, a família e a escola consigam desempenhar suas funções para conseguir concluir esse processo com sucesso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender como ocorre a adaptação numa turma de berçário, sua importância e consequências na relação mãe-bebê desenvolvi esta pesquisa na Escola Municipal de Educação Infantil Mundo da Criança, onde leciono.

A partir da minha experiência no estágio curricular, dos meus registros e reflexões pude perceber que a adaptação é um período difícil não só para a criança, mas também para a família e para a educadora, pois implica em reorganizações, mudanças e transformações para todos.

Como foi apresentada na pesquisa, a adaptação ocorre pela união dos sentimentos e percepções da escola, da família e das crianças, pois a criança se adaptará à escola no momento em que todos tenham consciência de sua participação e implicação neste processo, conseguindo dialogar e vivenciar sobre todos os aspectos envolvidos.

O primeiro contato da família é o ponto de partida de uma adaptação bem sucedida. A realização da anamnese é importante para investigar os aspectos relacionados ao vínculo mãe-bebê, que permite compreender a experiência materna frente à separação de seu filho quando este ingressa na escola infantil. É fundamental que a mãe se sinta segura e confiante para poder transmitir sentimentos positivos para seu bebê e facilitar sua adaptação.

Para que a criança se adapte é imprescindível que a criança tenha a capacidade cognitiva de manter sua mãe na memória quando ela não está presente, por isso é importante que no início do processo de adaptação a mãe permaneça junto com a criança na sala, fazendo com que a criança se sinta segura e comece a construção dos vínculos necessários com as educadoras e demais crianças.

Os primeiros dias da adaptação são, sem dúvida, os mais estressantes para o

bebê, e mais dolorosos para a mãe. A mãe sente a dor da separação enquanto a criança se depara com um ambiente novo com pessoas desconhecidas e uma rotina bem diferente da que tem em casa. Essas situações são muito estressantes, pois exigem muito da criança, tanto social, quanto psicologicamente.

Para tornar esse ingresso menos estressante algumas atitudes simples facilitam esse processo: aumento gradativo no número de horas que o bebê fica na escola ao longo da primeira e segunda semanas, iniciar a adaptação de no máximo quatro crianças por semana, evitando que todas ingressem no primeiro dia, para se ter um contato mais individualizado com cada criança e assim iniciar a construção de vínculos afetivos. Permitir a presença de um familiar durante a adaptação e também nas primeiras refeições auxiliam o bebê na familiarização com o novo ambiente e rotina e fazem com que os pais se sintam seguros e confiantes quanto aos cuidados dispensados. Essa segurança é sentida e refletida na adaptação do bebê que a transfere para o ambiente e as pessoas que o cercam.

Para concluir é fundamental ter em mente que a adaptação de bebês à Educação Infantil é um processo complexo e único, pois varia de criança para criança, sendo que cada bebê possui suas particularidades e seu ritmo. É importante considerar a individualidade de cada criança, consciente de que a adaptação depende do estabelecimento de vínculos afetivos e isto depende de como se dá o processo de identificação e consciência de si e do outro.

A adaptação de um bebê à escola infantil é um momento muito delicado, pois acarreta mudanças imediatas na relação entre mãe e filho. Após o nascimento, o bebê é totalmente dependente da mãe, por isso essa relação é íntima e profunda. Durante o período de adaptação a criança precisa compreender o significado e os sentimentos de passar de um espaço conhecido e seguro, que é o ambiente doméstico, seu lar, para outro ambiente, totalmente desconhecido, com outros adultos e crianças que não conhece, isso exige um enorme investimento afetivo e intelectual da criança, que necessita lidar, também, com a ansiedade da separação materna para poder se sentir bem e seguro neste novo ambiente.

Devido à isso o ingresso na escola infantil não depende apenas em a criança adaptar-se ao novo ambiente, mas também depende da forma como esta criança é acolhida. A qualidade do acolhimento dispensado à criança garante a qualidade da

adaptação, favorece o estabelecimento de vínculos e também a relação entre família, criança e escola.

Os autores e obras pesquisadas oferecem grande embasamento teórico sobre a díade mãe-bebê e também sobre como se dá o processo de individuação e separação, mas tudo é muito relativo quando nos deparamos com o desafio de adaptar alunos de uma turma de berçário. A adaptação de bebês à escola infantil é um processo multifatorial, pois está vinculado a fatores relacionados à criança, à família e à própria escola. A forma como o processo de adaptação é sentido e vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas reações das crianças.

Cada criança é um ser único, com constituição familiar e histórias de vida distintas e isso torna o processo de adaptação um desafio constante, pois cada criança demonstrará suas características e necessidades de modos diversos e são essas manifestações que direcionam a prática da educadora. A adaptação também envolve os sentimentos familiares, em especial os da mãe, que refletem como, em seu interior, está lidando com esta separação. Muitas vezes esses sentimentos variam entre insegurança, medo, culpa e até ciúmes da educadora. Por isso também exigem muita cautela e discernimento por parte da educadora, pois o fato é que durante a adaptação, mergulhamos em uma relação única e especial e nossas atitudes devem ser cautelosas, pois o filho é o maior tesouro de uma mãe.

Os estudos realizados nesta pesquisa contribuem para uma melhor compreensão do processo de adaptação, mas revelam que é preciso investigar a fundo este momento importante na vida dos bebês e de suas famílias para facilitar a adaptação dos bebês à Educação Infantil. Novas pesquisas poderiam contribuir investigando quais rotinas são mais adequadas no período de adaptação para amenizar a dor da separação entre mãe e bebê, como desenvolver o planejamento pedagógico nesta fase e como acompanhar as famílias que estão em processo de adaptação, entre outros.

Espero que estas reflexões possam trazer benefícios para as pessoas que estejam enfrentando ou enfrentarão este processo, trazendo mais clareza e possibilidades no trabalho docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caren de. Amamentação e subjetividade. In: Fórum de Produção Científica, 2, 2003. Torres. **Anais do II Fórum de Produção Científica**, Torres: ULBRA, 2003. p.35.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n° 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de Educação Infantil** : Encarte 1. Brasília : MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** , vol. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena (org.). Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. In Série Cadernos de reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

DIESEL, Marlete. **Adaptação escolar**: sentimentos e percepções do educador diante da questão. Revista do Professor. Porto Alegre, n. 19, p. 10-13, abr./jun. 2003.

ESTUDOS DE PSICOLOGIA. A escola do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 9, n. 3, set. / dez. 2004. p. 497 – 503.

MAHLER, Margaret. **O processo de separação-individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MARANGON, Cristiane. Como organizar um berçário ideal. Revista Nova Escola, Educação Infantil, edição especial, ago.2007. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/como-organizar-bercario-adequado-creche-educacao-infantil-bebes-criancas-conteudos-cuidados-535433.shtml>> Acesso em 28 nov. 2010.

PÉRISSÉ, Paulo M. **Os desafios da adaptação**. Pátio Educação Infantil. Porto Alegre, n. 13, p. 41-43, mar./jun. 2007.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância de atenção de pais e educadores. Cadernos de Educação Infantil, n 16, Porto Alegre: Mediação, 2005.

RIZZO, G. **Creche**: organização, montagem e funcionamento. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITÓRIA, Telma. **Processos de adaptação na creche**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, p. 55-64, ago. 1993.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília (Org.) **Os fazeres na educação infantil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Fábica Mônica; MOURA, Maria Lúcia Seidl de. (2002). **A relação mãe-bebê e o processo de entrada na creche**. Psicologia: Ciência e Profissão, 22 (2), p.88-97.

SOUZA, Eliane Kiss de. **Adaptação escolar na educação infantil**. Santo Ângelo: EDIURI, 2004.

VICTORA, Ceres, Gomes (org.) Técnicas de pesquisa. In **Pesquisa Qualitativa em saúde**: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000. Cap. 6, p. 61-78.

ANEXO A: ANAMNESE REALIZADA COM AS FAMÍLIAS DOS ALUNOS

Professora: _____

Turma: _____

1. Nome da criança: _____
2. Data de nascimento: _____
3. Papai: _____
4. Profissão: _____
5. Mamãe: _____
6. Profissão: _____
7. Endereço: _____
8. Telefones: _____
9. Em caso de emergência a quem devemos procurar?

10. Quem está autorizado a buscar seu filho na escola? Telefone:

VIDA DA CRIANÇA NO SEU LAR:

1. A criança foi planejada?

2. Como foi a gestação? Houve algum momento difícil?

3. Quais foram os sentimentos da mãe? E do pai?

4. Houve expectativa quanto ao sexo?

5. Como foi o parto? _____

6. Como foram os primeiros meses da criança? Gozou de licença maternidade?

7. Foi fácil ou difícil entender as necessidades da criança?

8. A criança mamou no peito? Ainda mama?

9. Chupa bico?

10. Toma mamadeira? Quantas vezes ao dia?

11. Tem irmãos? _____ Quantos? _____ Idade: _____
12. Tem apelido? Qual?

13. Quem mora na mesma casa da criança?

14. Quais são as pessoas que exercem influência na educação da criança?

15. Com quem a criança é mais apegada?

16. A criança costuma ficar com outras crianças além dos pais?

17. Com quem dorme a criança?

18. Seu sono é: () agitado () tranquilo
19. Normalmente qual é o horário de sono da criança em casa?

20. De que maneira costuma dormir?

21. Tem animais de estimação?
Qual? _____
22. Costuma brincar mais tempo: () sozinho () acompanhado De quem?

23. Gosta de ouvir músicas?

24. A criança costuma passear? Onde?

25. Vocês costumam dedicar um tempo só para a família? O que fazem?

SAÚDE E HÁBITOS DA CRIANÇA:

1. Que doenças (problemas de saúde) a criança tem ou já teve?

2. Tem alguma doença crônica?

3. Como e quando percebe que seu filho não está bem?

4. Apresenta algum problema auditivo ou visual?

5. Já fez alguma cirurgia?

6. Alergias:

7. A criança toma algum medicamento?

8. O que a criança já pode comer?

9. Algum alimento que lhe faça mal:

10. Qual é a rotina da criança? _____

11. Quando a criança está com os pais o que fazem? _____

12. Como é teu cuidado em relação ao filho? (Tira tudo do lugar, precisa esconder certos objetos...)

13. Tem medo de algo? Como reage?

14. Como reage quando é contrariado?

15. A criança já teve alguma “emoção forte”?

16. Na convivência com outras crianças, como reage?

17. Fatos marcantes desde o nascimento até aqui:

SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL:

1. A criança já frequentou outra escola?

2. Com quem a criança ficava antes de começar a frequentar a escola? Como era seu comportamento? Já estava adaptada?

3. Em sua opinião qual a diferença entre creche e escola?

4. Qual a expectativa em relação à escola?

5. Observações: _____

Realizada em: _____ / _____ / _____

Professora: _____

Responsáveis: _____

ANEXO B: ORGANIZAÇÃO IDEAL DE UMA SALA DE BERÇÁRIO

Berçário ideal

